

Diretor pediu campanha contra uso irregular

No final do ano passado, o diretor da Gráfica do Senado, Agaciel Maia, pediu ao presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas (Sindigraf) do Distrito Federal, Antônio Carlos Navarro, que fizesse uma campanha pública denunciando o uso irregular do setor gráfico do Congresso Nacional para, assim, conter a demanda de pedidos de deputados e senadores que insistiam em fazer calendários, 'santinhos' e cartões de natal às custas do contribuinte. "Foi uma forma dele conseguir suportar a pressão dos parlamentares", disse ontem o próprio Navarro.

Presidente também do Conselho Diretivo da Associação Brasileira de Indústrias Gráficas (Abigraf), Navarro afirmou que, desde o fim de 1993, tanto o Ministério Público como a Mesa Diretora do Senado Federal receberam comunicações formais do Sindigraf alertando que, além de configurar uma concorrência desleal com o setor privado, a utilização indiscriminada da Gráfica do Senado é um ato "imoral e acintoso" contra a sociedade brasileira.

Custos — Criada em 1963, a gráfica do Senado teve em 93 um orçamento de R\$ 52 milhões, incluídas aí as despesas com mais de dois mil funcionários, manutenção do parque gráfico — segundo a presidência do Senado, o maior do País —, custeio para a compra de papéis e tintas e investimentos em maquinário. Só a gráfica ocupa uma área construída de mais de dez mil metros quadrados.

A entrada de qualquer estranho é completamente vedada. "Eu já pedi para entrar na gráfica do seu jornal?", reagiu ontem o primeiro-secretário do Senado, Júlio Campos (PFL-MT), ao receber o pedido formal para deixar uma equipe de repórteres visitar o Centro Gráfico.

Cada senador, segundo campos, tem cota de R\$ 4.160,00 por ano para impressos destinados à divulgação do trabalho parlamentar. Os líderes e integrantes da Mesa Diretora do Senado têm direito ao dobro.

Há senadores que utilizam a gráfica para meios diversos. O senador Lavoisier Maia (PDT-PB), por exemplo, costuma presentear a irmã Myriam Gurgel Maia com cotas do Senado para impressão de livros. Myriam é conhecida contadora de piadas, as quais costuma reunir em livros de edições anuais. Sua última obra chama-se "Pega pá capá", recheada com piadas de cornos, bichas, pimenta no rabo dos outros, rolinhas e uma até então desconhecida expressão: "A tesão militar". (AJB e AE)